

ESCOLHAS LINGUÍSTICAS NA TRADUÇÃO DE UM ARTIGO CIENTÍFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

LINGUISTIC CHOICES IN TRANSLATING A SCIENTIFIC PAPER FROM PORTUGUESE TO BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

Eliziane Manosso Streiechen*

Rossana Aparecida Finau**

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar as escolhas linguísticas adotadas na tradução de um texto científico da Língua Portuguesa (LP) para a Língua de Sinais Brasileira (Libras). Esta é uma pesquisa do tipo qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, a qual consiste na análise do corpus paralelo (LP-Libras) – vídeo. Por envolver duas modalidades de línguas distintas e independentes, oral-auditiva (LP) e visuoespacial (Libras), as conversações, bem como as traduções e interpretações, exigem tomadas de decisões que podem diferir de um sinalizante e/ou tradutor e intérprete em língua de sinais (TILS) para outro. Os resultados revelam que os componentes gramaticais da Libras perpassam a sobreposição de sinais e que os interlocutores e TILS precisam utilizar o espaço de sinalização de forma bem distribuída e mapear/demarcar/apontar/retomar os referentes (animados ou inanimados), por meio de recursos coesivos nas sentenças em Libras, tais como a dêixis, a anáfora e o *role shift*. Pretende-se, a partir desta pesquisa, contribuir com os estudos que envolvem a Libras

* Possui Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PGEL) da Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR), Campus Curitiba/PR. Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Guarapuava/Irati/PR. Professora de Libras, lotada no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Câmpus Irati/PR. Faz parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UNICENTRO/Paraná/Brasil. E-mail: eliziane@unicentro.br.

** Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Departamento de Linguagem Comunicação (DALIC) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) - UTFPR, Paraná/Brasil E-mail: rossana@utfpr.edu.br.

e seus recursos linguísticos na comunicação e na tradução/interpretação em língua de sinais (LS)/Língua Portuguesa (LP).

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Dêixis. Anáfora. Tradução.¹

ABSTRACT: This article aims to analyze the linguistic choices adopted to translate a scientific text from Portuguese (LP) to Brazilian Sign Language (Libras). This research follows a qualitative, exploratory and descriptive style, consisting of a parallel analysis (LP-Libras) of a video. Considering the involvement of two distinct and independent language modalities, oral-auditory (LP) and visuospatial (Libras), the conversations as well as their translations and interpretations demand decision making, which can differ from one signaler or sign language translator and interpreter (TILS) to another. The results reveal that Libras grammatical elements span sign overlapping and interlocutors and TILS are requested to manage the sign space and map/delimit/point/recap the referents (animate or inanimate) in Libras sentences through cohesive resources, e.g. deixis, anaphora and role shift. Based on this research, the intention is to contribute to studies regarding Libras and its linguistic resources in communicating and in translating/interpreting sign languages (LS)/Portuguese(LP).

KEYWORDS: Libras. Deixis. Anaphora. Translation.

INTRODUÇÃO

Embora as políticas públicas, voltadas à valorização da Língua de Sinais Brasileira² (Libras), tenham evoluído, percebe-se ainda uma grande lacuna na efetivação dessas políticas. Um dos desafios para implementá-las é a escassez de profissionais habilitados na Libras para assumirem a demanda que a inclusão escolar e social dos surdos requer. A hipótese, que pode justificar a escassez de profissionais para atuarem na área da surdez, é que para aprender a Libras não basta apenas memorizar sinais e usá-los de forma aleatória. A língua de sinais (LS) é composta por mecanismos e estruturas complexas que exigem muito estudo e envolvimento com a comunidade surda para tornar-se proficiente nessa língua.

No levantamento do referencial teórico, realizado para a construção desta pesquisa, constatou-se que a maioria dos estudos, que envolvem a Libras, foca mais na descrição dos

¹ Esta pesquisa foi realizada com apoio da UNICENTRO/Fundação Araucária/Pesquisa Básica e Aplicada.

² Há duas possibilidades de uso da nomenclatura da Libras no Brasil: “Língua Brasileira de Sinais” e “Língua de Sinais Brasileira”. A primeira está relacionada à Lei nº 10.436/2002 (Brasil, 2002), que oficializa a Libras no Brasil. A segunda, “Língua de Sinais Brasileira”, é a terminologia utilizada e defendida por Capovilla e Raphael (2001). Assim, optamos em utilizar Língua de Sinais Brasileira por entendermos que as explicações desses pesquisadores são convictas. Para eles, a adjetivação da LS deve vir ao final da denominação, assim como ocorre em outros países (Língua de Sinais Francesa; Língua de Sinais Mexicana; Língua de Sinais Espanhola e assim por diante). Portanto, segundo esses pesquisadores, a nomenclatura “Língua Brasileira de Sinais” está na contra mão, visto que não existe uma língua brasileira portuguesa, assim como não existe uma língua brasileira de sinais (Capovilla; Raphael, 2001).

cinco parâmetros³ linguísticos, bem como na fonologia, morfologia e sintaxe, excluindo, assim, outros elementos específicos e intrínsecos à sinalização em LS.

Diante dessas constatações, pretende-se, neste artigo, analisar as escolhas gramaticais adotadas na tradução de um texto científico (escrito) da *Língua Portuguesa (LP) para Libras*. O intuito principal é contribuir com as pesquisas que descrevem a LS, ao destacar os recursos linguísticos, principalmente aqueles relacionados aos referentes e seus localizadores, por meio da dêixis-anafórica e do processo de *role shift*, na sinalização em Libras.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa do tipo qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, a qual consiste na análise do *corpus* paralelo da LP (língua fonte), traduzido para a Libras (língua alvo), que ocorreu por meio de filmagens (vídeo-captura), gravado e armazenado para posterior análise. A tradução foi realizada pela primeira autora desse artigo (tradutora/atriz)⁴ e o vídeo faz parte do seu acervo de estudos no Letras Libras (UFSC, 2008-2012), do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O texto (fonte) “Mudanças estruturais para uma inclusão ética⁵”, de autoria de Marianne Rossi Stumpf, está localizado no Capítulo I (p. 16-31), do livro *Estudos Surdos III*, organizado por Ronice Müller de Quadros (2008).

Para realizar a referida tradução, a tradutora/atriz recorreu, *a priori*, a estratégias e planejamentos linguísticos, que lhes serviram de base, tanto para traduzir, quanto para realizar a filmagem da tradução. Houve, portanto, a necessidade de se construir um mapeamento que consistia em destacar os objetivos, unidades e detalhes de cada parágrafo do artigo (texto fonte), no sentido de compreender/interpretar esses parágrafos e gravou-se, primeiramente, em voz e, em seguida, em Libras.

A tradução não ocorreu frase por frase, na sua forma literal, mas a partir da hermenêutica, ou seja, do entendimento daquilo que a autora queria informar em seu texto (língua fonte). Esse processo configura-se como uma tradução intersemiótica ou transmutação, cujas línguas envolvidas foram a LP (língua fonte) e a Libras (língua alvo). A tradução intersemiótica

³ Os três principais parâmetros, descobertos por Stokoe (1965), são: configuração de mãos (CM) – forma/desenho que a mão pode tomar na realização dos sinais. Locação (L) – denominada também como Ponto de Articulação (PA) - lugar do corpo, em que a sinalização ocorre, podendo ser no espaço neutro também. Movimento: abarca uma grande quantidade de formas e direções, desde os movimentos internos da mão e do pulso; movimentos direcionais no espaço e conjuntos de movimentos no mesmo sinal (Quadros, Karnopp, 2004, p. 54). Além dos três parâmetros (CM, L e M), descobertos por Stokoe (1965), há outros dois: marcadores não manuais (MNM) - que são as expressões faciais, os movimentos da boca, a direção do olhar (Brito, 1995); e a orientação (O) - que se refere à direção da mão ou da palma da mão na realização do sinal (Klima; Bellugi, 1979).

⁴ Nomenclatura utilizada para identificar o tradutor que assume o papel de ‘ator/atriz’ no momento de encenação/tradução, em que os textos escritos traduzidos são gravados em vídeo, para uma versão em Libras. Portanto, no decorrer do texto, poderemos no referir à autora, que realizou a tradução, da seguinte forma: tradutora/atriz, tradutora ou atriz.

⁵ Para ler o artigo na íntegra, acesse: <https://libras.ufsc.br/estudos-surdos-iii/>.

(ou transmutação) consiste na interpretação dos signos verbais por meio dos sistemas de signos não verbais. Na tradução da LP para a LS, há o envolvimento e duas modalidades de línguas diferentes, uma escrita (LP) e a outra sinalizada (LS), caracterizando-se, assim, uma tradução interlingual e, portanto, não se traduz a especificidade envolvida, pois estamos diante de línguas de diferentes modalidades, ou seja, intermodal (interlinguísticas) (Stiechen, Oliveira, 2018).

Para realizar a tradução, organizou-se um esquema em glosas⁶ de cada parágrafo. Contudo, neste texto, não será possível descrever todas as escolhas linguísticas e gramaticais utilizadas na tradução. Nosso foco é analisar alguns excertos alinhavados com os seguintes aspectos: a) dêixis-anafórica - a partir de referentes de PESSOA alocados no espaço; b) dêixis-anafórica - a partir de um referente de PESSOA incorporado no próprio sinal, com uma breve descrição do classificador (CL) e do verbo com concordância na Libras; c) processo de *role shift* – ao assumir referentes de pessoas.

RECURSOS LINGUÍSTICOS E GRAMATICAIS DA LIBRAS

A comunicação, por meio da oralidade, faz uso de diversas ferramentas da linguagem, tais como: a entonação da voz – para enfatizar uma pergunta, demonstrar admiração (exclamar), afirmar algo etc.; termos substitutos como: pronomes (ele/ela, dele/dela, esse/essa, aqui/ali, etc.) – para não repetir os nomes das pessoas, lugares, dos quais está se falando; gírias – quando se trata de uma conversa mais informal entre jovens, grupos ou classes sociais; figuras de linguagens (metáfora, metonímia, hipérbole, eufemismo, anáfora, aliteração, onomatopeia...) – para dar ênfase à fala ou torná-la mais poética e expressiva; sequência lógica na estrutura das frases – para tornar a comunicação clara, concisa e compreensível, entre muitos outros elementos linguísticos que a comunicação oferece.

Da mesma forma, isso acontece na comunicação por meio da LS, com o uso das mãos, do corpo, das expressões faciais, do espaço – em frente e/ou ao entorno do corpo – de referentes (animados ou inanimados, concretos ou abstratos), entre outros elementos. Isso porque a LS tem como base fundamental a visão.

Ocorre que, para descrever os aspectos linguísticos e gramaticais da LS, alguns pesquisadores tentam aproximar ou comparar as regras de uma língua oralizada com aquelas que norteiam a LS. Isso pode complicar o processo, tendo em vista que se trata de duas modalidades

⁶ Glosas é a representação do sinal ou da estrutura da sentença em Libras, usando a escrita em português, sempre em caixa alta. Isso se configura como “interlíngua escrita” (Quadros; Souza, 2008). Ao escrever as glosas, as marcas de gêneros (masculino e feminino) e do plural são substituídos por arroba (@). Por exemplo: MENIN@. Contudo, em nossas análises, ora poderemos utilizar o símbolo arroba (@) e ora não. A justificativa é de deixar alguns léxicos escritos na íntegra e de forma literal para que o leitor não se depare com dúvidas.

linguística e gramaticalmente diferentes e, portanto, a equivalência nem sempre é possível, mas não significa que uma língua pode ser considerada superior ou inferior à outra.

Dessa maneira, antes de iniciarmos a análise das escolhas linguísticas da tradução, a que nos propomos, torna-se necessário uma breve descrição de alguns componentes gramaticais utilizados pela tradutora/atriz durante o ato tradutório. Não é nosso objetivo, nesse texto, descrever todos os recursos linguísticos da Libras que foram utilizados nesta tradução, visto que eles são muitos e, mesmo que quiséssemos, não daríamos conta em apenas um artigo. Faremos, portanto, a descrição dos recursos que estão mais relacionados ao uso do espaço, tais como: dêixis-anafórica, *role shift*, classificadores e marcadores não manuais - imprescindíveis para toda e qualquer comunicação por meio da LS.

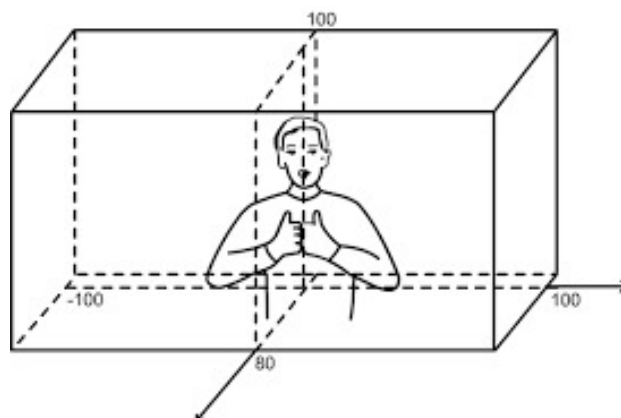
USO DO ESPAÇO NA SINALIZAÇÃO EM LIBRAS

Na LS, a comunicação ocorre, basicamente, com as mãos suspensas no espaço - em frente ou ao entorno do corpo do sinalizante. Esse espaço, denominado de “espaço sintático ou topográfico” (Moreira, 2007, p. 16), é um dos maiores desafios dos interlocutores e/ou Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS), visto que o sinalizante precisa ficar muito atento ao distribuir e alocar os referentes no espaço, a fim de que possa retomá-los com segurança todas as vezes que precisar se referir a eles.

Na produção do discurso, os referentes podem estar associados a seres animados (pessoas, animais etc.), inanimados (carro, casa, árvore, entre outros objetos) - presentes ou ausentes - ou a lugares (aqui, ali, lá etc.). Quando o referente está ausente, ele passa a ser uma figura imaginável, criada mentalmente, para representar determinada pessoa ou objeto. Assim, o narrador pode alocá-lo, por meio de um item lexical ou um signo/sinal, no espaço físico, em frente ou nas laterais do corpo e, a partir da apontação (dêitico-anafórica) - cujos objetivos são os de apontar/retomar - poderá narrar sobre esse referente durante o contexto discursivo sinalizado.

Pizzuto *et al.* (2006, p. 140) denominam as posições (de)marcadas no espaço, ou seja, o local que os referentes ocupam no espaço, de “loci”. Quanto à distribuição dos referentes no espaço, Campello (2010, p. 3) destaca que “é uma característica fundamental nas línguas visuais-espaciais e está presente em todos os níveis de análise”. Contudo, é importante respeitar um espaço delimitado em frente ao corpo, ou seja, não esticar o braço muito à frente, para os lados, para cima ou para baixo, conforme demonstrado na figura 1:

Figura 1: Espaço de sinalização das línguas de sinais



Fonte: (Quadros, 1997, p. 49)

Iniciantes, no aprendizado da Libras, tendem a empilhar/amontoar os referentes no mesmo lugar do espaço. Isso ocorre, por exemplo, quando o sinalizante está contando uma história e decide inserir, de forma imaginária, uma pessoa, uma árvore, um carro, uma casa, no mesmo espaço. Ao retomar, ou seja, apontar para esse local que, supostamente, estão todos esses referentes, pode ser que a mensagem gere confusão, uma vez que não se consegue deixar explícito a qual dos referentes (pessoa, árvore, carro, casa) está se referindo com o apontamento.

Passaremos, agora, a uma breve descrição dos recursos utilizados para apontar/retomar os referentes no espaço.

DÊIXIS E ANÁFORA

Após a inserção de referentes no espaço, a partir de um signo linguístico mental, é possível referir-se a esses elementos com a ação de apontar, mostrar, identificar, indicar, assinalar, remeter, retomar tais referentes alocados anteriormente no contexto do discurso. Essas ações são denominadas de dêixis e anáfora. Dêixis vem do grego antigo *'deíknymi'* que significa ação de “mostrar ou indicar” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 112).

Há três tipos de dêixis: dêixis de pessoa – quando os pronomes pessoais (1ª e 2ª pessoa: eu, você, nós, vocês) são usados; dêixis de lugar – quando palavras como aqui, aí, lá, este, esse, aquele, trazer, levar, vir, ir... são usadas; dêixis de tempo – quando advérbios como hoje, ontem, amanhã são usados (McCleary, Viotti, 2009). De acordo com essas autoras “As expressões dêiticas têm um conteúdo propriamente semântico [...]. É só na enunciação que essas expressões conseguem fazer referência, ou seja, designar uma determinada pessoa, um determinado tempo, ou um determinado lugar” (McCleary, Viotti, 2009, p. 49).

A função da dêixis ou da anáfora não é dar nomes ou sinais aos seres, mas apontar (dêixis) e retomar (anáfora) esses seres, sem que seja necessário repetir os seus nomes e/ou sinais equivalentes, no contexto da enunciação. Ao inserir determinado referente no espaço, tanto para mostrá-lo (dêixis) ou retomá-lo (anáfora), pode-se usar a apontação manual e/ou visual. A manual ocorre por meio do dedo indicador - o qual recebe diferentes denominações, como: dêitico, index, indicador (de subjetividade ou de instância de discurso), símbolos-índices, *shifter*⁷, localizadores - Locs (Moreira, 2007; Pizzio, Rezende, Quadros, 2009; Anater, Passos, 2009; Nicoloso, Silva, 2009; Prado, Lessa-De-Oliveira, 2012). Já a visual ocorre a partir do olhar de modo a indicar o referente em questão, conforme descrito por Anater e Passos (2009, p. 51):

[...] os referentes podem ser introduzidos no discurso por meio da dêixis e retomados posteriormente anaforicamente, através de sinais manuais acompanhados da *direção do olhar* e movimentos do corpo; também uma apontação para o referente pode ser realizada, e, na sua retomada, apenas ser usado o *olhar como recurso anafórico* ao mesmo tempo em que um segundo referente é introduzido na narrativa. (Grifos nossos).

O referente pode ser retomado, no curso de uma conversação, por meio do processo anafórico – fenômeno linguístico, que Pizzio, Rezende e Quadros (2009, p. 9) exemplificam da seguinte forma:

[...] duas casas podem ser introduzidas num discurso com o sinal de CASA realizado primeiramente à esquerda do espaço de sinalização e depois à direita. Essas locações no espaço onde os sinais foram feitos podem ser usadas posteriormente como pontos de referência que o sinalizante usa para se referir às casas. A apontação para tais pontos de referência é anafórica. É a casa que foi designada àquela locação que está sendo apontada e não sua atual locação no espaço. Este uso da apontação é derivado do seu uso dêitico.

A esse respeito, Nicoloso e Silva (2009) explicam que, nas línguas orais, a marcação de sujeito, por exemplo, pode se dar pelo construto geral do discurso ou por flexões de concordância nos verbos (o que também acontece em LS, mas, com menor número de ocorrências). Conforme as autoras, “as LS apresentam mais possibilidades para representar o sujeito por meio de anáfora e dêitico” (Nicoloso; Silva 2009, p. 100).

Lavarda e Bidarra (2007, p. 316) destacam a diferença entre a dêixis e a anáfora, observando que “a primeira tem a função de deslocar o campo de atenção para um referente, mas sem a preocupação com a significação dele. Já, a segunda, a anáfora faz a retomada pelo foco na significação do referente”.

⁷ *Shifter*, em inglês, significa: mudança, substituição, revezamento, rodízio (Silva, 1972 *apud* Moreira, 2007).

Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) denominam os apontamentos de ‘localizadores’ (Locs.) e, segundo as autoras, todos os ‘localizadores’ pertencem à categoria gramatical da dêixis, argumentando que: “[...] uma vez que os Localizadores retomam as pessoas, objetos ou lugares, fazendo indicação direta dos referentes no espaço físico, ainda que esses referentes sejam imaginários, estes realizam a coesão textual apenas via dêixis” (Prado; Lessa-De-Oliveira, 2012, p. 38).

Reis e Bidarra (2020) não tratam da questão terminológica nessa perspectiva, mas defendem que, por serem empregadas em uma prática discursiva, a relação entre dêixis e anáfora são, muitas vezes, simultâneas e é necessário que esses tipos de ocorrências sejam adequadamente representados nas glosas para a construção de sentidos mais adequados às descrições da Libras.

Pizzuto *et al.* (2006) também defendem o entrecruzamento da dêixis e da anáfora, resultando assim, o processo dêitico-anafórico. Essa mesma terminologia é utilizada pelos pesquisadores Nicoloso e Silva (2009), Anater e Passos (2009), entre outros estudiosos dessa temática.

A partir dessas reflexões, é possível compreender que a ocorrência da dêixis refere-se à marcação do ponto, localização/mapeamento do referente no espaço no sentido de ‘mostrar’ determinado referente introduzido nesse espaço. Já, a anáfora é a retomada desse referente (por meio da apontação com o indicador), no sentido de atribuir certas características e/ou discorrer sobre esses referentes dentro do discurso, atribuindo-lhes um sentido possível de interpretação, próximo ao observado por Lavarda e Bidarra (2007).

Em nossas análises, ainda exploratórias, não houve ocorrência a momentos em que apenas a dêixis se apresentasse, sem que a anáfora fosse requisitada. Em todos os excertos, em que havia a necessidade de usar referentes no espaço, foram empregados os dois recursos gramaticais - dêixis e anáfora – sequencialmente/simultaneamente, para auxiliar na coesão textual da narrativa traduzida. Assim, nesse texto, optamos por utilizar uma expressão que não exclua nenhum desses elementos, mas, transformando os dois léxicos (dêixis e anáfora), em um termo composto, a saber, dêitico-anafórico ou dêixis-anafórica, assim como Pizzuto *et al.* (2006), Anater e Passos (2009), Nicoloso e Silva (2009), entre outros pesquisadores.

Outra possibilidade de retomada de referente é o uso de *role shift*, empregado para, além de mapear os referentes no espaço, permitir aos interlocutores recorrer a diversos recursos para retomá-los, sempre que fizer menção a eles ou, ainda, assumir determinados referentes/pessoas ‘emprestando’ seu próprio corpo. Esse ‘empréstimo’ é denominado de *role shift* - processo em que o sinalizante assume personagens no discurso, deslocando seu tronco (para direita e/ou para esquerda) a fim de representar pessoas no enunciado. No momento em que uma pessoa assume um personagem, dentro de uma história, ao apontar para si mesmo (1ª pessoa) não é ao ‘eu’ de si mesmo que ela está se referindo, mas ao ‘eu’ do personagem que está representando. Assim, é possível afirmar que, dentro do processo de *role shift*, usam-se

outros recursos gramaticais juntamente com a dêixis-anafórica, e isso pode ocorrer quando a pessoa precisa apontar/retomar o ‘eu’ do personagem da história. Esse espaço, de incorporação de personagem, é denominado de “espaço sub-rogado” (Viotti, 2008; Quadros, Cruz, 2011).

Quadros e Cruz (2011, p. 50) descrevem três tipos de espaços que podem ser utilizados a depender das construções discursivas e dos personagens (presentes ou ausentes) no decorrer da enunciação, são eles:

Espaço real – é a concepção do que é fisicamente real no ambiente em que ocorre a enunciação. São ‘reais’ no sentido de referir às pessoas que estão fisicamente presentes no local e no tempo da conversação. b) *Espaço token*: espaço em que quer indicar entidades ou coisas representadas sob a forma de um ponto fixo no espaço físico, são entidades ‘invisíveis’. O espaço token se limita à representação da terceira pessoa. c) *Espaço sub-rogado*: é representado visualmente por uma espécie de encenação. Como o instrumento utiliza figuras que representam ações envolvendo pessoas, o sinalizante produz sentenças utilizando o espaço token ou o espaço sub-rogado, pois as figuras não estão presentes fisicamente quando o sinalizante as apresenta.

Com essa síntese, a respeito do uso de dêixis e anáfora, bem como sobre as terminologias empregadas, aponta-se para uma sutileza pouco percebida no momento da tradução no que diz respeito ao uso distintivo desses recursos. Nesse sentido, a seguir, são apresentados e analisados alguns dados para ampliar essa discussão.

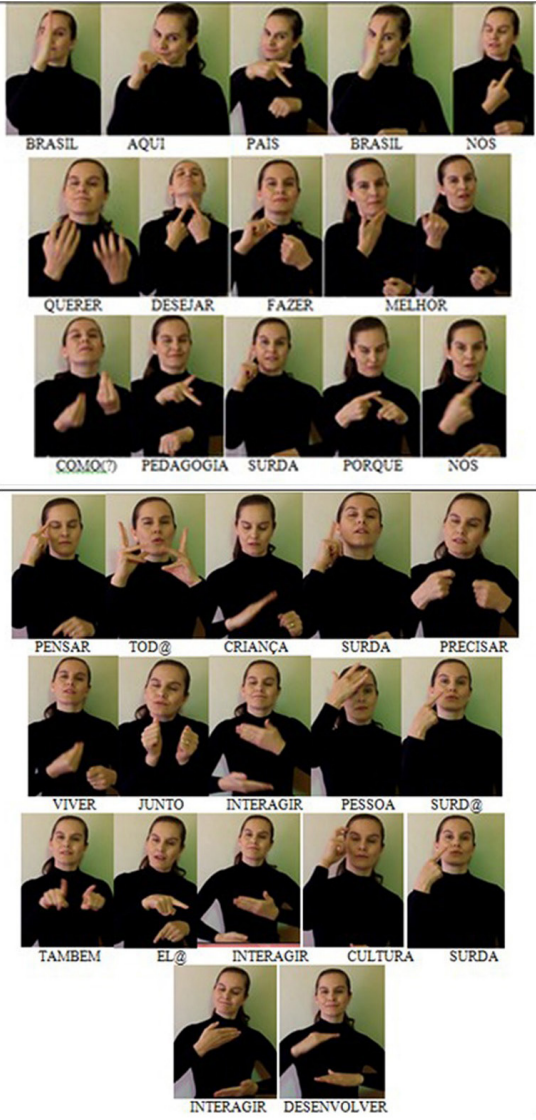
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao se considerar as escolhas linguísticas e gramaticais da Libras, bem como os critérios no ato tradutório, do artigo em questão, tentou-se ao máximo possível respeitar as culturas das línguas envolvidas (LP/Libras). Houve também a necessidade em adaptar alguns léxicos, expressões entre outros elementos presentes da língua fonte (texto escrito) para a língua alvo (Libras), de forma a considerar as diferenças que essas modalidades linguísticas apresentam.

REFERENTES DE PESSOA NO ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO

Na sequência, há alguns blocos do texto escrito (LP), transcrito para glosas e traduzido para a LS, em que se demonstra o uso da dêixis-anafórica, na língua fonte (LP) na língua alvo (LS), bem como dos marcadores não manuais.

Quadro 1: Pedagogia Surda

LÍNGUA FONTE (LP)
<p>“Aqui no Brasil, estamos construindo a Pedagogia Surda de outra forma. Pensamos em fazer melhor quando colocamos que a criança surda deve viver sua cultura desde sempre [...]” (p. 20).</p>
GLOSAS
<p>BRASIL AQUI PAÍS BRASIL NÓS QUERER DESEJAR FAZER MELHOR COMO(?) PEDAGOGIA SURDA PORQUE NÓS PENSAR TOD@ CRIANÇA SURDA PRECISAR VIVER JUNTO PESSOA SURD@ TAMBÉM EL@ INTERAGIR CULTURA SURDA INTERAGIR DESENVOLVER.</p>
LÍNGUA ALVO (LIBRAS)
 <p>BRASIL AQUI PAÍS BRASIL NÓS</p> <p>QUERER DESEJAR FAZER MELHOR</p> <p>COMO(?) PEDAGOGIA SURDA PORQUE NÓS</p> <p>PENSAR TOD@ CRIANÇA SURDA PRECISAR</p> <p>VIVER JUNTO INTERAGIR PESSOA SURD@</p> <p>TAMBÉM EL@ INTERAGIR CULTURA SURDA</p> <p>INTERAGIR DESENVOLVER</p>

Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

Como o texto (língua fonte) abordava a importância da Pedagogia Surda, dentro do processo de inclusão dos alunos surdos, procurou-se demarcar um pouco mais a expressão facial todas às vezes que a autora do texto escrito (texto fonte) se referia a essa Pedagogia. Nesse último excerto, por exemplo, “BRASIL AQUI PAÍS BRASIL NÓS QUERER DESEJAR”, optou-se em sinalizar ‘QUERER’ mais o sinal de ‘DESEJAR’ para enfatizar a importância que a autora dá à Pedagogia Surda. Utilizou-se também da pergunta (QU) ‘COMO?’ por meio da expressão facial interrogativa: cabeça e sobrancelhas levantadas no sentido de frisar a forma com que eles (os surdos) pretendiam fazer a Pedagogia Surda no Brasil. Neste parágrafo, a princípio, a intenção era a de sinalizar apenas ‘PAÍS BRASIL NÓS QUERER’, contudo, a sinalização foi iniciada com o sinal ‘BRASIL’, então houve a repetição (dêixis-anafórica) ‘BRASIL AQUI PAÍS BRASIL’.

Outro momento, nesse mesmo excerto, em que há ocorrência da dêixis-anafórica, é em: TOD@ CRIANÇA SURDA PRECISAR VIVER JUNTO INTERAGIR PESSOA SURD@ TAMBÉM EL@. A retomada (anáfora) está em El@ (criança). Na oralidade, isso não é muito comum de acontecer, a não ser nas conversas mais informais, como por exemplo: ‘A Maria, ela é modelo’. Primeiramente, o foco está no nome ‘A Maria’ (dêixis), depois vem a retomada ‘ela’ (anáfora). Formalmente, essa frase ficaria constituída por sujeito, verbo e objeto ‘A Maria é modelo’.

Anater e Passos (2009, p. 57) também trazem um exemplo que demonstra a diferença entre a LP e a LS, no que se refere ao uso da dêixis-anafórica. Na sentença: “Maria encontrou Carla na escola. Ela não estava com João”. A anáfora (Ela) não deixa claro se o interlocutor se refere à Maria ou à Carla. Na LS, Maria e Carla seriam transformadas em referentes, alocadas em pontos diferentes no espaço, e a anáfora (apontação) deixaria em evidência à qual delas o narrador estava se referindo. Assim, a ambiguidade, que pode ocorrer durante o processo dêitico-anafórico na LP, não ocorre na Libras.

Percebe-se, assim, que esses componentes (dêixis-anáfora) são utilizados em ambos os sistemas linguísticos (LS e línguas orais), contudo, as escolhas irão depender do contexto e da intimidade entre os interlocutores, ou seja, a comunicação poderá fluir apenas por meio do olhar. Portanto, assim como na LP há diversas formas de se falar algo, na LS isso não é diferente, conforme destacado por Segala (2010, p. 42):


É bom lembrar que nem sempre existe uma estratégia certa para todas as palavras e expressões e que cada estratégia tem vantagens e desvantagens ao leitor. Também não há necessidade da preocupação de que a tradução tenha tido acréscimos ou perdas quantitativas, pois, o mais importante, é que a tradução se faça do sentido pelo sentido, ou seja, da mensagem pela mensagem, conservando a qualidade do texto.

A Libras é bastante recente no Brasil e, portanto, ainda não há uma padronização em relação aos critérios e uso de alguns sinais, ficando sob a autonomia da comunidade surda

de cada região e/ou cidade criar os sinais que não se encontram nos dicionários, mas que são necessários na comunicação em LS.

Na sequência, analisamos um excerto em que a atriz recorreu ao uso do espaço, inserindo referentes de pessoas e retomando-os por meio da dêixis-anafórica.

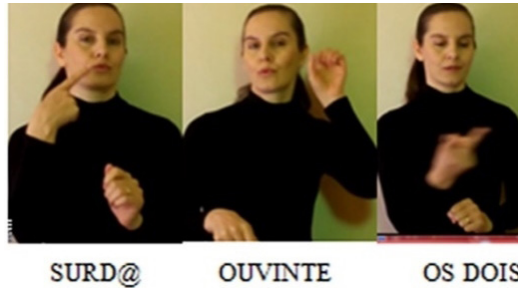
Quadro 2: Referentes de pessoas

LÍNGUA FONTE (LP)				
“Dos muitos depoimentos pode-se observar que não há um critério de avaliação diferenciado para os alunos surdos [...]” (p. 22).				
GLOSAS				
TER VÁRIAS PESQUISAS MOSTRAR O QUE? SURD@ OUVINTE DOIS PROVA IGUAL NÃO-TER PROVA DIFERENTE PARA EL@. OS DOIS IGUAL PROVA [...].				
LÍNGUA ALVO (LIBRAS)				
				
TER	VARIAS	PESQUISAS	MOSTRAR	O QUE?
SURD@	OUVINTE	DOIS	PROVA	IGUAL
NÃO-TER	PROVA	DIFERENTE	EL@	
DOIS	IGUAL	PROVA		

Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

Para traduzir esse excerto, a tradutora/atriz recorreu ao uso da pergunta (QU) 'O QUE?', sinalizando SURDO, com a mão direita e alocando seu referente no mesmo lado (direito), e OUVINTE, com a esquerda, sem alocar o referente. Assim, por meio do localizador não-articulado (direção do olhar) e do apontamento pronominal dual⁸, retomam-se ambos os referentes - OS DOIS (dual= surdo e ouvinte), conforme demonstrados na figura 2:

Figura 2: Referente de surdo e ouvinte mais pronome dual



Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria

Percebe-se, na figura 2, que a repetição, ou seja, retomada dos referentes, por meio da dêixis-anafórica - OS DOIS (pronome dual), foi para traduzir que os dois continuam com o mesmo sistema de avaliação. Ainda, em NÃO-TER PROVA DIFERENTE PARA EL@, observa-se a retomada (anáfora) de SURD@, pois a atriz aponta para o local onde alocou esse personagem (lado direito), anteriormente. Vejamos:

Figura 3: Dêixis-anafórica de SURD@



Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

A marcação na expressão facial da atriz (boca acirrada), acompanhada da dêixis-anafórica (apontando no espaço em que se alocou a figura representativa do surdo), demonstra

⁸ Além dos pronomes pessoais comuns, que fazem parte da língua orais (eu, tu/você, ele/ela, nós, eles), o sistema pronominal da Libras apresenta pronomes: DUAL, TRIAL e QUATRIAL, na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa do plural: Ex. nós-2, nós-3, nós-4. Vocês-2, vocês-3, vocês-4. El@, el@, el@ (a configuração de mãos para Nós-2 e Vocês-2 é em P, já para os demais, as configurações representam os números: 3 e 4). Quando se trata de mais de quatro pessoas, o sinal é alterado para GRUPO, com configurações de mãos diferentes também. Para mais informações, consultar o dicionário Capovila; Raphael (2001).

a crítica realizada pela escritora (texto fonte), quando ela se refere à realidade distante dos parâmetros garantidos pela legislação.

Na sequência, em OS DOIS IGUAL PROVA, há, novamente, a retomada de surdo e ouvinte, por meio do pronome dual, vejamos:

Figura 4: Sinais de DUAL, IGUAL e PROVA



Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

Em diversos momentos, no decorrer da tradução, pode-se perceber a recorrência da tradutora/atriz nos marcadores não manuais (MNM), conhecidos também como expressões faciais (EF), considerados elementos gramaticais fundamentais nas conversações ou interpretações em LS. Pizzio, Rezende e Quadros (2009, p. 7) afirmam que “no nível da sintaxe, as marcações não manuais são responsáveis por indicar determinados tipos de construções, como sentenças negativas, interrogativas, afirmativas, entre outras”.


Assim, os MNM ganham protagonismo como elementos gramaticais coesivos, principalmente, quando há a necessidade de recorrer à dêixis-anafórica no processo discursivo em línguas sinalizadas.

REFERENTE DE PESSOA INCORPORADO AO SINAL

No excerto, a seguir, o referente e a dêixis-anafórica estão relacionados à pessoa (BEBÊ), contudo, esse referente não precisou ser alocado no espaço, mas houve a necessidade de se utilizar o verbo com concordância⁹.

⁹ Quadro, Pizzio e Resende (2009, p. 30) destacam dois mecanismos morfológicos identificados nos verbos com concordância: “a trajetória do movimento do verbo, que parte da locação do sujeito e vai em direção à locação do objeto e estão associados aos papéis temáticos ‘fonte’ e ‘alvo’. [...] a orientação da mão, ou seja, a direção para a qual a palma da mão ou a ponta dos dedos estão viradas”. Segundo as autoras, “Estes dois mecanismos são determinados por dois princípios: (1) a trajetória do movimento é determinada pelos papéis temáticos dos argumentos (vai da fonte em direção ao alvo) e (2) a orientação da mão é determinada pelos papéis sintáticos dos argumentos, sendo que a orientação da mão vai em direção ao objeto do verbo” (Quadro; Pizzio; Resende, 2009, p. 30).

Quadro 3: Referente de pessoa incorporado ao sinal

LÍNGUA FONTE (LP)			
<p>“[...] A Língua de Sinais precisa ser adquirida pelas famílias com bebês surdos; se a família tem a Língua de Sinais, ela não vai ter nenhuma dificuldade maior em educar seu filho. A Língua de Sinais precisa ser adquirida pelas famílias com bebês surdos [...]” (p. 25).</p>			
GLOSAS			
<p>IMPORTANTE PAI-MÃE TAMBÉM PERCEBER SEMPRE BEBÊ EL@ SURD@ RÁPIDO PROCURAR CAMINHO MELHOR COMO ENCONTRAR LIBRAS COMEÇAR ENSINAR ENSINAR LIBRAS EL@ BEBÊ.</p>			
LÍNGUA ALVO (LIBRAS)			
			
IMPORTANTE	PAI	MÃE	TAMBÉM
PERCEBER	SEMPRE	BEBÊ	EL@
SURD@	RÁPIDO	PROCURAR	CAMINHO
MELHOR	COMO	ENCONTRAR	LIBRAS
COMEÇAR	ENSINAR	ENSINAR	
LIBRAS	EL@	BEBÊ	

Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

Observa-se a presença da dêixis-anafórica na língua fonte (LP), que são: a LS, família e bebê: “A *Língua de Sinais* precisa ser adquirida pelas famílias com bebês surdos; se a família tem a *Língua de Sinais*, ela não vai ter nenhuma dificuldade maior em educar seu filho. A *Língua de Sinais* precisa ser adquirida pelas famílias com bebês surdos” (grifos nossos). O termo ‘família’ foi retomado ora com a repetição do próprio léxico e ora com o pronome ‘ela’. O termo ‘bebê’ foi retomado a partir do próprio léxico e também como ‘filho’.

Já, na tradução, ‘família’ foi traduzido como PAI-MÃE e a dêixis-anafórica priorizou o referente BEBÊ, tanto com o apontamento do *dêitico-anafórico pronominal singular* (dedo indicador), quanto com o *dêitico-anafórico não-articulado* (direção do olhar). Assim, além de se utilizar da dêixis-anafórica, por meio da apontação, a tradutora retomou o sinal BEBÊ, conforme demonstrado na figura 5:

Figura 5: Referente BEBÊ



Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

É possível observar que o sinal BEBÊ é transformado em referente, isto é, o referente é incorporado em seu sinal equivalente. Dessa forma, o referente BEBÊ não é alocado no espaço, em frente ao corpo da tradutora, mas permanece no mesmo ponto de articulação, no antebraço.

De acordo com Pizzuto *et al.* (2006, p. 141):

[...] para introduzir um referente no discurso, o sinalizante pode produzir um sinal manual padrão (ou “cristalizado”) para o referente e então marcá-lo no espaço de sinalização por meio de uma apontação manual ou visual ou ainda por meio de uma *alteração morfológica do ponto de articulação* do sinal utilizado (que pode ou não ser acompanhada por apontações visuais), estabelecendo, dessa forma, uma posição no espaço (ou ‘locus’) para o referente simbolizado. A referência anafórica é feita então apontando-se novamente para aproximadamente o mesmo ponto no espaço através de apontações visuais ou manuais. (Grifos nosso).

O verbo ENSINAR pertence à categoria de verbos com concordância, que são aqueles que ganham direção/orientação, a depender das pessoas envolvidas no discurso (presentes ou ausentes). Segundo Quadros e Karnopp (2009, 2004, p. 112), “As formas verbais para pessoa são

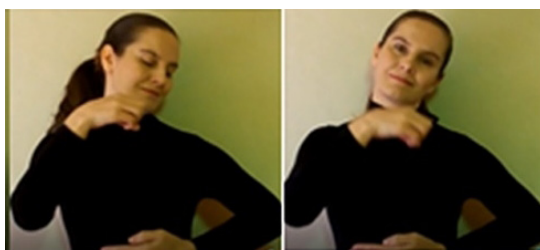
estabelecidas através do início e fim do movimento e da direção do verbo, incorporando estes pontos previamente indicados no espaço para determinados referentes”. Nesse caso, o sinal do verbo ENSINAR parte da tradutora em direção ao sinal de BEBÊ (sinal imaginético), com a palma da mão e a direção do olhar para baixo e na diagonal (na direção do BEBÊ), mantém-se a mão passiva configurada em BEBÊ, que indica a quem se ENSINA.

A direção do olhar é um recurso muito importante e que precisa ser considerado nas conversações e/ou interpretações em LS, visto que apresenta uma função de coesão gramatical nos discursos sinalizados. Em relação à simultaneidade, na articulação dos sinais manuais e não-manuais, Anater e Passos (2009, p. 51) explicam que:

[...] os referentes podem ser introduzidos no discurso por meio da dêixis e retomados posteriormente anaforicamente, através de sinais manuais acompanhados da *direção do olhar* e movimentos do corpo; também uma apontação para o referente pode ser realizada, e, na sua retomada, apenas ser usado o *olhar* como recurso anafórico ao mesmo tempo em que um segundo referente é introduzido na narrativa. (Grifos nossos).

Ao sinalizar ENSINAR (direcionando a mão ao referente BEBÊ), a atriz recorre ao uso do localizador não-articulado, pois, ora ela dirige o olhar ao ‘bebê’ e ora ao espectador/interlocutor, conforme pode se observar na figura 6:

Figura 6: ENSINAR-BEBÊ



ENSINAR

Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

Em relação à mão que irá sinalizar/apontar ou retomar o referente, Nicoloso e Silva (2009, p. 96) explicam que:

Quando o referente está situado à frente do sinalizante numa posição central, o dêitico de apontação pode partir de qualquer uma das mãos. Nos casos em que o emissor insere pela primeira vez os referentes no discurso, geralmente, a mão que ele usará será a que estiver no mesmo lado do referente. A retomada do referente (processo anafórico) pode ser feita por apontação advinda por qualquer uma das mãos, de modo

simultâneo ou somente pela mão dominante. Já o dêitico do olhar é livre, ou seja, não está preso ao referente que está sendo apontado.

No caso do sinal de BEBÊ, a escolha do antebraço/mão - ponto de locação - é do próprio sinalizante. Se for destro, poderá alocar o sinal BEBÊ no antebraço/mão direito, como ponto de locação e se for canhoto, poderá alocar o sinal no antebraço/mão esquerdo, assim a apontação (dêixis-anafórica) irá depender de qual dos lados o sinal de BEBÊ foi alocado. A tradutora/atriz, que é destra, preferiu ‘segurar’ o sinal de BEBÊ em seu antebraço esquerdo para realizar o sinal do verbo ENSINAR com a mão direita.

CLASSIFICADORES E *ROLE SHIFT*

Antes de iniciarmos a análise desse excerto, será necessária uma noção, ainda que básica, sobre um componente linguístico bastante pertinente às línguas sinalizadas, os classificadores - que podem exercer diversas funções morfológicas no discurso, tais como: assumir referentes de pessoa, animais, objetos; atribuir características como forma, tamanho ou qualidade a um objeto (arredondado, quadrado, estampado, com listras etc.); descrever uma ação verbal ou de adjetivo, locativo, advérbio de modo e nome (pronome), entre muitas outras propriedades. “Ao exercer a função de sujeito pronominal o classificador representa uma ou mais entidades conforme o número de dedos que estiverem esticados para cima, porque cada dedo representa o corpo de uma pessoa ou ser animado” (Nicoloso; Silva, 2009, p. 97).

Para melhor detalhamento, vejamos a diferença que reside entre o sinal e o CL de PESSOA, por exemplo, nas figuras 7 e 8:

Figura 7: Sinal de PESSOA

Mão aberta, palma para dentro, passar a ponta do dedo médio na testa, de um lado para outro (a depender se é destro ou canhoto).



Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

Esse sinal de PESSOA, realizado na testa, não pode ser inserido como referente no espaço, mas, quando transformado em um CL, ele ganha uma nova forma, ou seja, a configuração

de mãos é modificada e, assim, ele poderá ser alocado e, inclusive, ganhar movimento no espaço de sinalização, conforme demonstrado na figura 8:

Figura 8: Exemplos de CLs de PESSOA



Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

Nesses exemplos, da figura 8, os interlocutores podem movimentar os CLs nas mais diversas direções. Esse tema, sobre os CLs, é bastante extenso e complexo, e discuti-lo não está nos objetivos dessa pesquisa, assim, não iremos nos aprofundar. Essa breve descrição servirá para que possamos compreender a sua função, uma vez que isso é primordial para seguirmos com a análise do excerto em que o CL serviu como um recurso linguístico imprescindível no processo da tradução. Passaremos, agora, à análise do próximo fragmento da tradução.

Quadro 4: Role shift

LÍNGUA FONTE (LP)
<p>“Historicamente, os surdos quando indagados sobre sua escola e seu posicionamento pessoal diante da vida respondiam – “Eu surdo”. Com essa afirmação colocavam-se como impotentes para escolher e também para se responsabilizar por qualquer coisa que acontecesse com eles próprios. Viviam na dependência do ouvinte [...]” (p. 15).</p>
GLOSAS
<p>HISTÓRIA PASSADO TER PESSOA (CL) SURD@ PESSOA PERGUNTAR ESCOLA BOM VIDA COMO (?) EU SURDO EL@ PARECER NÃO-PENSAR NÃO-TER ESCOLHER NÃO-TER OPINIÃO PRÓPRIA PORQUE PASSADO EL@ SEMPRE PRECISAR DEPENDER OUVINTE.</p>
LÍNGUA ALVO (LIBRAS)

Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

Embora, aqui, o destaque da análise seja para a ocorrência do *role shift*, vale a pena destacar o uso dos casos da dêixis-anafórica em dois momentos: o primeiro é em EU SURDO EL@ PARECER NÃO-PENSAR. Observa-se que a atriz aponta para o mesmo lado, onde, anteriormente, ela havia alocado a pessoa SURDA, utilizando-se de um item lexical para designar e alocar PESSOA no espaço, conforme demonstrado na figura 9:

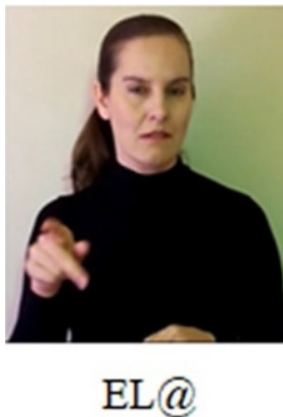
Figura 9: Item lexical de PESSOA mais dêitico-anafórico



Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

O segundo momento, em que há a ocorrência da dêixis-anáfora, é em PORQUE PASSADO EL@ SEMPRE PRECISAR DEPENDER OUVINTE. Aqui, novamente a retomada (anáfora) é em relação à pessoa SURDA. Contudo, pode-se notar uma sutil diferença na expressão facial da atriz. No primeiro momento, figura 9, a atriz está com a cabeça levemente virada para o lado, mas, olhando para frente (para o interlocutor), com lábios acirrados, sobrancelhas mais elevadas e olhos abertos. No segundo momento, figura 10, a cabeça está virada à frente, com a expressão mais amena, lábios separados, sobrancelhas soltas e olhar levemente fechado.

Figura 10: EL@: Dêixis-anafórico



Fonte: Elaboração própria. Foto captura de vídeo da primeira autora (2012).

Além do referente de pessoa SURDA, inserida à direita da atriz, por meio do item lexical de PESSOA, há outro personagem que realiza as perguntas. Após criar o ponto de localização para o referente de pessoa SURDA, a tradutora sinaliza PESSOA PERGUNTAR, virando levemente seu tronco à esquerda, para assumir a personagem que questiona - *role shift* de PESSOA OUVINTE (embora o sinal de OUVINTE não apareça). A atriz recorre ao verbo PERGUNTAR, visto que, na língua fonte, havia a palavra ‘indagar’ – “quando indagados sobre sua escola”. Assim, na sua forma direcional (verbo com concordância), questiona o surdo, com o tronco um pouco de lado, da esquerda em direção à direita, inicia-se a sinalização ‘ESCOLA BOM VIDA COMO (?)’. Em seguida, agora virando seu tronco ao contrário - a partir do *role shift* de PESSOA SURDA - a tradutora assume o personagem da PESSOA SURDA, sinalizando: ‘EU SURD@’, de acordo com a figura 11:

Figura 11: EU SURD@



Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

Ao colocar o surdo no papel de ‘coitadinho’, conforme pode ser visualizado na figura 11, a intenção da tradutora era de traduzir “Eu surdo” que a escritora do artigo (texto fonte) colocou entre aspas. O termo ‘coitadinho’, além de pejorativo, é bastante debatido, principalmente, no que concerne aos fatos históricos em que, a partir das afirmações do filósofo Aristóteles, os surdos foram considerados seres sem pensamento e incapazes de exercerem funções básicas na vida, por longos séculos, e as drásticas consequências fizeram com que esses sujeitos fossem excluídos por definitivo da sociedade (Streichchen, 2017).

Um pouco mais adiante, a tradução demonstra que esse contexto, em que o surdo é dependente e não tem voz própria, está no passado, sinalizando ‘PORQUE PASSADO EL@ SEMPRE PRECISAR DEPENDER OUVINTE’, demonstrado na figura 12:

Figura 12: PORQUE PASSADO EL@ SEMPRE PRECISAR DEPENDER OUVINTE'

Fonte: captura de vídeo da primeira autora (2012). Nota: Elaboração própria.

Percebe-se, assim, a importância desse jogo do tronco, a partir do *role shift*, que os sinalizantes adotam para assumirem personagens dentro nas narrativas, recurso este exclusivo das LSs. De acordo com Pizzuto *et al.* (2006, p. 144):

As “Transferências de pessoa” (TP) envolvem um papel (agente ou paciente) e um processo. O sinalizante “se transforma” na entidade a que ele se refere ao reproduzir em seu enunciado uma ou mais ações realizadas pela entidade. Em geral, as entidades a que os sinalizantes se referem são seres humanos ou animais, mas também podem ser seres inanimados.

Nessa direção, queremos frisar que os linguistas precisam considerar as especificidades que caracterizam as LSs e, em certa medida, tomar distanciamento das regras gramaticiais que regem as línguas de modalidades orais auditivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, destacamos algumas escolhas e estratégias linguísticas utilizadas na tradução de um texto escrito para a Libras. Os resultados revelaram que os aspectos linguísticos da Libras perpassam a sobreposição de sinais aleatórios e, por se tratar de uma língua visuoespacial, os interlocutores e/ou os TILS precisam utilizar o espaço de sinalização, de forma bem distribuída e mapear/demarcar/mostrar/retomar os referentes, por meio de recursos gramaticais coesivos, tais como a dêixis-anafórica (manual ou visual) e o *role shift*. Esses elementos são fundamentais no processo referencial, tanto nas conversações, quanto nas traduções e

interpretações em LS, uma vez que é por meio desses componentes que se pode gerenciar a clareza, a coesão e a compreensão, tornando possível a construção dos sentidos, de forma a respeitar a cultura linguística da comunicação em Libras.

Assim, se o interlocutor inserir determinado referente no espaço, significa que, em seu contexto discursivo, ele retomará tal referente. E essa ação de retomada poderá ser de forma consecutiva ou simultânea, ao longo da narrativa, resultando tal processo em dêixis-anafórica ou dêitico-anafórico.

Na referida tradução, a recorrência em certos recursos gramaticais não obedeceu àqueles existentes na língua fonte (LP) e, inclusive, mesmo não havendo a presença de certos elementos, nessa língua, houve a necessidade de, em alguns excertos, recorrer a elementos que a LS exigiu para tal tradução. Isso porque, nessa tradução, havia duas modalidades linguísticas com características e necessidades gramaticais diferentes e a literalidade não existe em se tratando dessa diferença.

Entende-se, portanto, que é na e a partir da *práxis* que as estratégias emergem e são múltiplas as possibilidades de escolhas linguísticas que a LS oferece e cada interlocutor ou TILS têm a autonomia para escolher os léxicos e as estruturas sintáticas que o contexto exige para tornar o processo discursivo claro, coeso e dinâmico. O que importa é fazer com que a tradução mantenha-se fiel ao texto fonte e os surdos compreendam a mensagem em sua íntegra.

Há, ainda, dentro da referida tradução, muitos outros componentes gramaticais que poderiam ser identificados e comentados, entretanto, acredita-se que esses foram essenciais para que se cumprisse com o objetivo delineado neste artigo.

Ressalta-se que o tempo de desenvolvimento do TCC, que envolveu a leitura e o entendimento do texto escrito (texto fonte), as pesquisas em relação à lexicografia, a gravação do texto em voz e em vídeo, a análise das escolhas linguísticas, a elaboração do relatório final do TCC, ocorreu durante três meses, tempo limite estabelecido pela instituição do Letras Libras, na época (2012).

Todavia, se a tradução do mesmo texto fosse realizada nos dias atuais, as escolhas tradutórias, linguísticas e gramaticais, certamente, seriam outras, pois a Libras é uma língua viva, complexa, dinâmica e, após uma década, desde que essa tradução ocorreu, muitos outros sinais surgiram e as possibilidades, portanto, não se exauriram, com o passar do tempo, muito pelo contrário, elas aumentaram.

REFERÊNCIAS

ANATER, G. I. P.; PASSOS, G. dos. Mecanismos de coesão textual visual em uma narrativa sinalizada: Língua de Sinais Brasileira em foco. In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. (organizadoras). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação**. São Paulo: Editora Hedra Ltda. 37 reimpressão, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5109354/mod_resource/content/0/Bordenave.pdf. Acesso em: 8 jul. 2023.

BRASIL, Secretaria de Estado da Educação. Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 3 dez. 2004.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAMPELLO, A. R. S. **Texto base da disciplina de Língua Brasileira de Sinais III**. Curso de Bacharelado em Letras/Libras na modalidade a distância – UFSC, 2010.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. 2. ed. v. 1. São Paulo: Edusp, 2001. p. 1479-1487.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1979. p. xii + 417.

LAVARDA, S. T. F.; BIDARRA, J. A dêixis como um “complicador/facilitador” no contexto cognitivo e linguístico em ambiente educacional face aos alunos com deficiência visual. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, Set.-Dez. 2007, v. 13, n. 3, p. 309-324. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/jzGPPbg7y7jxCVF4MfDd6H/#>. Acesso em: 8 ago. 2023.

MCCLEARY L.; VIOTTI, E. **Texto Base da Disciplina Semântica e Pragmática**. Letras/Libras na modalidade a distância. UFSC, 2009.

MOREIRA, R. L. **Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira**. Dissertação. Orientadora: Evani de Carvalho Viotti. Programa de Pós- Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. SP, 2007.

NASCIMENTO, E. B. Ética e política segundo Derrida. Alcides Cardoso dos Santos (org.) **Estados da crítica**. Cotia/Curitiba: Ateliê Editorial/Editora da Universidade Federal do Paraná, 2006.

NICOLOSO, S.; SILVA, S. M. da. Lendo sinalizações em Libras: onde está o sujeito? In: QUADROS, R. M. de. **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009. p. 78-111.

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. de. **Texto Base da Disciplina LIBRAS I**. Letras/Libras na modalidade a distância. UFSC, 2009.

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. de. **Texto Base da Disciplina. LIBRAS V**. Letras/Libras na modalidade a distância. UFSC, 2009.

PIZZUTO, E; ROSSINI, P.; SALLANDRE, M.; WILKINSON, E. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: Evidências interlinguísticas nas Línguas de Sinais americana (ASL),

francesa (LSF) e italiana (LIS). In: Quadros, R. M. de; Vasconcellos, M. L. B. de. **Questões Teóricas das Pesquisas em Língua de Sinais**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006.

PRADO, L. C.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Dêixis em elementos constitutivos da modalidade “falada” de língua de sinais. **ReVEL**. v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: aquisição de linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. de; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais: Instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M.; SOUZA, S, X. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (Org.) **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

REIS, L. S.; BIDARRA, J. Elementos Referenciais na Libras: uma Análise Realizada a partir da Anáforas Diretas em Língua Portuguesa. **Línguas & Letras (Online)**, v. 20, p. 219-230, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/23687>. Acesso em: 10 set. 2023.

SEGALA, R. R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. UFSC, 2010.

STOKOE, W. C.; CASTERLINE, D. C.; CRONEBERG, C. G. **A dictionary of American Sign language and linguistic principles**. Listok Press. 1976. (primeiro publicado em 1965).

STREIECHEN, E. M. **Libras: aprender está em suas mãos**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

STREIECHEN, E. M.; OLIVEIRA, J. J. Escolhas lexicais no processo de tradução do português escrito para a língua de sinais. **Revista Trama**. v. 14. n. 32, 2018. p. 110 – 120.

STUMPF, M. R. Mudanças Estruturais para uma Inclusão **Ética**. In: QUADROS, R. M. de. **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 16-31.

VIOTTI, E. C. **Texto Base da Disciplina Introdução aos Estudos Linguísticos**. Letras/Libras na modalidade a distância. UFSC, 2008.

Recebido para publicação em: 8 abr. 2024.

Aceito para publicação em: 30 maio 2024.